

SINVALDO FERREIRA SANTOS JUNIOR

**A IMPORTÂNCIA DO FESTIVALE PARA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE
REGIONAL E FORMAÇÃO POLÍTICA NO VALE DO JEQUITINHONHA.**

Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes

Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura (Celacc)

2012

SINVALDO FERREIRA SANTOS JUNIOR

**A IMPORTÂNCIA DO FESTIVALE PARA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE
REGIONAL E FORMAÇÃO POLÍTICA NO VALE DO JEQUITINHONHA.**

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação do Prof. Dr. Silas Nogueira.

Área de Concentração:

Política e Cultura

Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes

Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura (Celacc)

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao Celacc/Usp, por colocar o ser Humano sempre em primeiro lugar.

À minha família por sempre acreditar em mim, mesmo nos momento mais difíceis.

À minha filha que tanto amo.

Ao meu professor e orientador professor Dr. Silas Nogueira, pelo incentivo de sempre.

Ao meu sobrinho Igor, pelo apoio incondicional.

E aos meus colegas da turma B, pela amizade e pela luz.

RESUMO

Este trabalho realiza um estudo de caso sobre o FESTIVALE – Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha. Neste aspecto, discorre sobre o movimento que ao longo de 30 anos de existência se relaciona de forma tão legítima em defesa dos costumes na região do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. Começa destacando as matrizes culturais, síntese do Brasil. Relata também o comportamento de um povo historicamente explorado, mas que se revela por meio da sua arte. O estudo aborda de início os principais aspectos da formação cultural da região do Vale do Jequitinhonha ao longo de sua ocupação, relacionando suas expressões artísticas com as características históricas, sociais e econômicas de sua população. Em seguida procura evidenciar a interessante experiência do projeto político-cultural em estudo, mostrando o seu começo a partir do Jornal Geraes, sua trajetória e o sonho de que o Festivale fosse um polo permanente de discussão e celebração. Por fim, é analisado o legado do Festival ao povo do Jequitinhonha no sentido de ser responsável pela criação de uma consciência política e, sobretudo, na valorização e divulgação da cultura do Vale e na consequente consolidação de uma identidade regional.

Palavras-Chave: Cultura Popular; Festivale; Vale do Jequitinhonha.

ABSTRACT

This work performs a case study about FESTIVALE – a Festival of popular culture of the Jequitinhonha Valley. In this respect, it brings up a popular manifestation that for 30 years has been acting in a legitimate way in order to defending the popular culture of the Valley. It starts highlighting the cultural matrices, synthesis of Brazil. Also, reports the behavior of a historically exploited people which are revealed by their art. The first approach of this study takes into account the main aspects of the cultural formation in the Jequitinhonha Valley that were developed along its colonization, and relates its art expressions with its historical, social and economic characteristics. Further, it emphasizes the interesting experience of the political-cultural project of the festival, showing its origin by the creation of the Geraes Newspaper, following by its trajectory and its dream to turn out to be a permanent core of discussions and celebrations. Lastly, it is analyzed the legacy of the FESTIVALE for the people of the Valley in their political awareness, and especially, in the valuing and divulgation of their culture, and consequently a local identity consolidation.

Key words: popular culture; Festivale; Jequitinhonha Valley.

RESUMEN

En este trabajo se presenta un estudio sobre el caso FESTIVALE – Festival de la Cultura Popular de Vale de Jequitinhonha. En este aspecto, se trata el movimiento que a lo largo de 30 años de existencia, se relaciona de forma tan legítima con la defensa de las costumbres en la región de Vale de Jequitinhonha, Minas Gerais. Se comienza destacando las matrices culturales, síntesis de Brasil. También, se relata el comportamiento de un pueblo históricamente explorado, pero que se revela por su arte. El estudio aborda desde un comienzo, los principales aspectos de la formación cultural de la región de Vale de Jequitinhonha a lo largo de su ocupación, relacionando sus expresiones artísticas con las características históricas, sociales y económicas de su población. En seguida, busca evidenciar la interesante experiencia del proyecto político-cultural en el estudio, mostrando su comienzo a partir de Jornal Geraes, su trayectoria y el sueño que el Festival fuese un polo permanente de discusión y celebración. Por último, se analiza el legado del Festival al pueblo de Jequitinhonha en el sentido de ser responsable en la creación de una conciencia política y, sobretodo, en la valorización y divulgación de la cultura de Vale y en la consecuente consolidación de una identidad regional.

Palabras Claves: Cultura Popular, Festivale, Vale de Jequitinhonha.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	8
II. CULTURA, CULTURA DE POPULAR E CULTURA DE MASSA.....	9
III. O VALE DO JEQUITINHONHA.....	11
IV. FORMAÇÃO CULTURAL DO VALE DO JEQUITINHONHA.....	13
V. O FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA.....	17
V.1. O JORNAL GERAES E A ORIGEM DO FESTIVALE	20
VI. O LEGADO DO FESTIVALE.....	23
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERENCIAS.....	27
ANEXO.....	29

I. INTRODUÇÃO

O Vale do Jequitinhonha, na região nordeste do estado de Minas Gerais, tem sido historicamente marcado pela alta incidência de pobreza e carência de recursos materiais. Ao mesmo tempo a região vê a todo tempo emergir ricas manifestações de uma cultura popular consolidada ao longo de sua ocupação, caracterizada pela diversidade e pela simplicidade do fazer artístico de um povo humilde e forte.

Neste contexto de grande riqueza cultural, emergem as mais belas manifestações artísticas a partir do canto das lavadeiras e dos canoeiros, do aboio dos vaqueiros, trovadores e menestréis, das mãos do artesão que moldam o barro, dos poetas e atores. O Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha – o FESTIVALE – é o grande momento onde todos os artistas da região podem se unir, mostrar seus trabalhos e se fortalecerem enquanto movimento artístico.

Desde o seu início em 1980, o Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha resiste para que as tradições do povo do Vale permaneçam vivas. Seu sotaque, sua música o reisado, boi de janeiro, folias, contradança, tira-verso, batuque, congado, artesanato e a poesia. Um movimento que atravessou três décadas celebrou e também discutiu os rumos e as potencialidades de uma região tão peculiar, na sua diversidade cultural.

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo de caso sobre o Festivale – Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha. Neste sentido, busca provocar uma série de reflexões acerca da capacidade de transformação social, por meio das manifestações culturais e compreender a força de um movimento que resiste desde 1980 contra todo um processo de homogeneização, desencadeado pela lógica mercadológica da indústria cultural.

Tadeu Martins, um dos idealizadores do Festivale, afirma que a vontade de realizar algo capaz de resgatar a autoestima do povo do Vale do Jequitinhonha

norteou a criação do Festivale. Partindo dessa premissa, toma-se por base o que diz Milton Santos (2001): “há também- e felizmente – a possibilidade, cada vez mais frequente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso de instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas” (SANTOS, 2001,p. 144).

O presente trabalho discute, nos capítulos seguintes, os conceitos sobre cultura, cultura popular e cultura de massa que embasam a análise. Em seguida faz-se uma apresentação das principais características do Vale do Jequitinhonha, detalhando em seguida como deu-se a formação cultural da região ao longo de seu processo de ocupação e abordando as principais manifestações da cultura popular na região.

No capítulo V faz-se uma introdução ao Festivale (Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha) em que se aborda suas principais características e as peculiaridades de sua organização. Neste capítulo mostra-se como se deu o processo de concepção do festival e o movimento artístico e político que, a partir da estrutura do Jornal Geraes, levou ao desenvolvimento do Festival. Em seguida, no capítulo VI analisa-se o legado do Festivale no que diz respeito à organização político-cultural do Vale do Jequitinhonha e na construção e consolidação de uma identidade cultural na região.

II.CULTURA, CULTURA DE POPULAR E CULTURA DE MASSA.

Este artigo aborda questões relacionadas à cultura e, visando uma melhor definição sobre o tema, considera-se a definição dada por Thompson (2009), conforme abaixo:

O conceito deriva da palavra latina cultura. Os primeiros usos nos idiomas europeus preservaram algo do sentido original de cultura, que significava, fundamentalmente, o cultivo ou cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais. Do início do século dezesseis em diante, este sentido original foi estendido da esfera agrícola para o processo de desenvolvimento humano, do cultivo de grãos para o cultivo da mente. (THOMPSON,2009,p. 167)

Na concepção de Gramsci, “A cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: e é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e deveres”. (Gramsci, Escritos pré-carcerários, 1916-1926)

Estes conceitos são importantes porque nos fornecem embasamento para justificar a importância dos movimentos culturais na construção de uma sociedade mais democrática e justa. Quando o Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha não se resume a um grande evento – por mais que isso por si só traga grandes benefícios para a comunidade do vale – ele avança, pois possibilita ao povo o contato com o fazer artístico, seus valores simbólicos, seus hábitos, seu cotidiano e as demandas sociais.

Seria interessante indagar por que falar em “cultura do povo” em lugar de “cultura popular”. É plausível supor que a escolha da primeira expressão em vez da segunda tenha o mérito de procurar um caminho que nos resguarde da ambiguidade presente no termo “popular”. Considerar a cultura como sendo do povo permitiria assinalar mais claramente que ela não está simplesmente no povo, mas que é produzida por ele, enquanto a noção de “popular” é suficiente ambígua para levar a suposição de que representações, normas e práticas porque encontradas nas classes dominadas são, ipso facto, do povo. Em suma, não é porque algo está no povo que é do povo. (CHAUÍ, 2003, p. 43)

A partir da citação acima, o conceito de cultura vai ficando mais claro. No entanto, exige uma dose de cautela quando utilizamos a expressão “cultura popular”, pois fica evidente um propósito de caráter elitista nesta divisão, fazendo crer que nas camadas populares não se produz cultura. Cultura do povo é toda experiência acumulada ao longo dos anos, suas ideias, crenças, cotidiano e suas expressões artísticas.

...No entanto, sob o controle econômico e ideológico das empresas de produção artística, a arte se transformou em seu

oposto: é um evento para tornar invisível tanto o próprio trabalho criador dos artistas e das obras como a realidade, mascarando-a e dissimulando-a.(Ibid., 2012, p.362).

No trecho acima, Chauí nos chama a atenção para os riscos inerentes a massificação e a influencia midiática no cotidiano da sociedade. Pois a indústria cultural não se relaciona com a arte, como uma forma de expressão capaz de despertar a criatividade e o senso crítico, ela se apropria de seus valores e a transforma em um produto rentável.

III. O VALE DO JEQUITINHONHA

O vale do Jequitinhonha está localizado na região nordeste de Minas Gerais, numa área de aproximadamente 85.000 Km², equivalente a 15% do Estado de Minas Gerais, na qual se encontram cerca de 80 municípios e onde vivem cerca de um milhão de pessoas divididos em três sub-regiões: Alto Jequitinhonha - próximo à nascente do rio, com destaque para Diamantina – Médio Jequitinhonha, região de Araçuaí, e Baixo Jequitinhonha, na região de Almenara, próximo à foz do rio. O rio Jequitinhonha nasce na serra do espinhaço, região da cidade do Serro e percorre 1090 km, por entre as montanhas do vale até a foz em Belmonte no sul da Bahia. Guerrero (2009) relata que o nome Jequitinhonha deriva de uma tradição indígena que deixavam uma armadilha para pegar peixe na beira do rio: “certificando-se no dia seguinte de que ‘no Jequi¹ tinha Onha²” (p.83). A história da região começa a ser escrita no ano de 1550 com a descoberta do ouro e diamante em suas terras, logo despertando a atenção dos bandeirantes paulistas e da coroa portuguesa.

¹Jequi: armadilha de pesca feita de bambu.

²Onha: peixe.

No final do século XVI, afirma Guerrero, o rio Jequitinhonha já havia sido descoberto por aventureiros instigados pelas notícias da existência de metais e pedras preciosas no sertão mineiro, especialmente prata e esmeraldas (p.83). A partir do século XVII deu-se a primeira descoberta de ouro, atraindo milhares de garimpeiros. O leito do rio Jequitinhonha e seus afluentes passam a ser vasculhados de maneira intensa gerando muita riqueza e desencadeando a formação das vilas e povoados. Nasceram cidades como Diamantina, Minas Novas, Serro e Grão Mogol no Alto Jequitinhonha. Segundo Soares (1997), o Jequitinhonha que temos hoje, sofre ainda as consequências de seu processo de colonização. No século XVII, com a decadência das minas do Alto Jequitinhonha houve grande migração populacional para a região de Mata Atlântica no Médio e Baixo Jequitinhonha no setor oriental se estendendo do município de Virgem da Lapa até a foz do Rio Jequitinhonha em Belmonte, na Bahia.

Nos primeiros anos do século XVII o alferes Julião Fernandes comandando a sétima divisão militar promove a ocupação da região, combate tribos indígenas em busca de terras propícias a pastagem a partir da qual surge, segundo Soares (1997), um “sem-número” de quartéis ao longo do Rio³. De lá para cá o que se tem visto em termos econômicos é a decadência da atividade de mineração e a substituição para a atividade agropastoril de subsistência na maioria dos municípios e a concentração de grandes glebas de terras no baixo e médio Jequitinhonha. Discrepâncias sociais e exploração são palavras comuns na formação da população do vale. A falta de infraestrutura e atenção as suas reais potencialidades emperram o desenvolvimento.

³Pode-se citar como os principais quartéis os de São Miguel do Jequitinhonha (Jequitinhonha), Quartel da Água Branca (Joaíma), São João do Vigia (Almenara) e Quartel do Salto (Saldo da Divisa).

IV. FORMAÇÃO CULTURAL DO VALE DO JEQUITINHONHA.

O processo de colonização do vale, como aponta Soares (1997), se deu a partir da luta contra tribos indígenas – como os povos Maxacali, Aranã, Pote, Naknenuk e Pojichá – e ocupação de seus territórios. Nesse aspecto, afirma que o vale é habitado por um povo cuja identidade tem como traço fundamental e marcante a arte, com a herança indígena e africana formando uma enorme teia de costumes. A presença da cultura africana no Vale é evidente, havendo ao longo da região grupos enormes de famílias descendentes de africanos que vivem em comunidades rurais. Soares destaca ainda que os povos, ao verem ameaçados os seus projetos de vida, engendram novas formas de se perpetuar, ensinando aos descendentes aquilo que lhes for possível como um último grito de resistência.

E surgem maravilhas desses gestos silenciosos, das mãos indígenas e africanas: panelas, potes, pratos, máscaras, bonecas, caqueiros, rostos talhados na madeira, peneiras, esteiras, cordas... E nesse perpetuar-se surgem os cantos cadenciados das rodas, dos beira-mar, do batuque, da contradança, de folias, de reisados, congados, poesias, escritores, artistas de toda estirpe. (SOARES, 1997, p.18)

Mais adiante, como descreve Guerrero (2009), o movimento das canoas e das tropas foi responsável pelo desenvolvimento de muitas cidades e povoados da região, como por exemplo, Araçuaí, que se transformou num importante entreposto comercial às margens do rio: “Canoeiros que contam e que cantam o Vale, como tantos outros atores e sujeitos dessa região que, através dos versos e das cantigas dizem a sua palavra” (Guerrero, 2009, p.95). A abertura das estradas de rodagens e de outros canais de escoamento de mercadorias e produtos, além de outras vias de comunicação e transporte, o comércio do Vale como um todo tendeu a declinar, amargando mais um longo período de estagnação econômica juntamente com um empobrecimento de sua população que, na visão de Ribeiro R. (1993, *apud*, Guerrero, 2009), “de certa forma desencadeou a formação de uma identidade regional – a região do Vale do

Jequitinhonha – ‘construída sob o signo da carência, do abandono, e do subdesenvolvimento persistente’ (p. 88).

Nesse aspecto, Servilha e Doula (2009), destacam que, se analisado por seus diferentes contextos espaço-temporais e suas metamorfoses, o Vale do Jequitinhonha pode ser percebido como uma região marcada por constantes e intensas explorações de seus recursos humanos e naturais durante todo o seu processo de ocupação. E assim, como fonte de recursos naturais ou como local de convívio, construção de valores e conflitos e conjunto de paisagens que permearam o imaginário dos homens e a vida social, “o espaço está presente na construção das realidades socioeconômicas e culturais da região, transformando-as e sendo transformado por elas” (Servilha e Doula, 2009).

No Vale do Jequitinhonha, em especial, a cultura popular tem sido um contraponto às ausências e carências ali presentes – pontua Guerreiro (2009) – se expressando por meio do cancionário popular, do artesanato – como cerâmica e tecelagem – dos causos contados nas portas das casas, das benzedeadas e suas rezas, curandeiros e suas ervas, das festas religiosas e brincadeira dos meninos e meninas nos quintais, ruas e rios (p.89) e também nas cantorias, “seja nas cantigas de roda, nas rodas de verso, nos batuques, nos cantos de trabalho dos canoieiros, tropeiros, boiadeiros, tecedeiras, lavadeiras” que apontam também um caminho para conhecer o Vale do Jequitinhonha (Guerreiro, 2009, p.95). E, portanto, esse fazer artístico, de acordo com Servilha e Doula (2009), é utilizado pela população do Vale como “instrumento de construção de identidades e, ao mesmo tempo, de expressão das relações culturais e sociais” (p.02).

Por outro lado, Souza (2003, *apud* Nascimento, 2009) ressalta que do ponto de vista da atividade humana, a diversidade do Vale do Jequitinhonha é expressiva, em função do longo processo de ocupação e pelas atividades que predominaram em cada lugar. Dessa maneira:

No alto-médio Jequitinhonha (Serro, Diamantina, Minas Novas) e no norte do estado (Rio Pardo de Minas, Salinas) a ocupação do território se deu a partir do início do século XVIII. No baixo Jequitinhonha (Pedra Azul, Jequitinhonha, Almenara, Salto da Divisa), ela aconteceu somente

um ou dois séculos depois. No alto Jequitinhonha, a atividade principal foi a mineração decorrente das bandeiras paulistas que chegaram às “minas gerais” a partir do final do século XVII. No norte de Minas e no baixo Jequitinhonha, a atividade principal foi a pecuária. (Sousa, 2003, *apud*, Nascimento, 2009, p. 06)

Esta diversidade regional, como de se esperar, manifesta-se também nas manifestações culturais envolvendo grupos folclóricos, conjuntos arquitetônicos e históricos e artesanato, que é executado em cerâmica, palha, bambu, madeira e algodão ao longo das regiões do Jequitinhonha. Nesse sentido, os materiais variam mesmo dentro do Vale, como cita Nascimento (2009): esculturas de madeira em Itinga, Tecelagem em Virgem da Lapa e Minas Novas, bordado em ponto de cruz em Turmalina, tapeçaria em Diamantina, cestaria em Almenara e trabalhos em couro em Araçuaí e Jequitinhonha. Costa (1997) afirma que na maior parte das cidades do Vale sempre há alguém que se dedique, pelo menos nas horas de folga, nos intervalos do trabalho na lavoura, a alguma atividade artesanal. Para ele, “utilizando-se de criatividade própria e preservando o estilo de cada núcleo artesanal, os artesãos da região fabricam – em cerâmica, tecelagem, madeira, cestaria e couro – peças de rara originalidade e beleza” (p.30).

Nascimento ainda destaca a importância da oralidade na transmissão e na preservação da cultura do Vale do Jequitinhonha. Como afirma Pereira (1998, *apud* Nascimento, 2009) “o narrador do Vale do Jequitinhonha fala de sua terra de quem vive nela, mergulhado em disparidades históricas que se transformam no substrato de seus contos e casos”. Na música, destaca o Coral das Lavadeiras de Almenara, iniciativa do cantor e pesquisador cultural Carlos Farias, as letras e Canções de Paulinho Pedra Azul, Rubinho do Vale, Pereira da Viola, Tadeu Franco e outros menos consagrados, mas não menos importantes. Além disso, poetas, trovadores e contadores de “causos” anônimos e outros já consagrados como Tadeu Martins, Gonzaga Medeiros e Saulo Laranjeira. A autora ainda lembra que permanecem sendo realizados na região festividades como a Festa do Divino em Diamantina, de Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião, Pastorinhas, Marujadas e Congados, além das Folias de Reis, a festa mais comum. Outras festas importantes, porém, foram sendo descaracterizadas como o Boi de Janeiro.

Como é possível notar, as manifestações artísticas da região são influenciadas sobremaneira pelas características rurais do Vale do Jequitinhonha. Servilha e Doula (2009) apontam que a forma como o povo do Vale se relaciona com a terra, a natureza e seu trabalho refletem diretamente nas formas específicas como ele se reproduz historicamente, material e simbolicamente por meio da música. Isso pode ser observado, segundo eles, nas canções (hoje estão em domínio público) que relatam as relações com a terra: “algumas vezes repletas de afetividades, outras de opressão, tristeza e conflito. Relações também com a natureza, afeições, carinho e devoção aos rios, principalmente o Jequitinhonha” (p. 06). Os autores citam ainda as músicas de trabalho, cantadas pelos canoeiros, boiadeiros, lavradores, mulheres de tear e as lavadeiras.

Podemos encontrar na história do Vale, e ainda hoje, o boiadeiro e seu aboio, a lavadeira e seu canto, o canoeiro e seu beira-mar. Muitos cantos, como o último, perderam muito de suas funções originais, principalmente devido às novas configurações socioespaciais da região. Pouquíssimos são os canoeiros, por exemplo, encontrados atualmente trabalhando no Vale. Mas isso não significou, o que constatamos de forma surpreendente, a desvalorização de suas músicas na vida e no imaginário do povo do Vale. (Servilha e Doula, 2009, p.07)

Dentre as expressões artísticas tradicionais do Vale, o canto das lavadeiras tem logrado maior exposição com a recente projeção do Coral das Lavadeiras de Almenara. Fundado em 1992, numa lavanderia comunitária por iniciativa do cantor e pesquisador cultural Carlos Farias, o coral tem se destacado na luta pela preservação da memória cultural do Vale do Jequitinhonha, em particular do modo de vida e das cantigas entoadas pelas Lavadeiras na beira do Rio Jequitinhonha num trabalho de resgate de um acervo de canções de domínio público. Para Ataíde (2008), o canto das lavadeiras, “devido a sua peculiaridade, merece ser visto de perto por quem deseja conhecer um pouco da vasta cultura do Vale do Jequitinhonha” (p. 48). Estas lavadeiras, submetidas a situações tão adversas como as vivenciadas pela maioria da população da região, resistem e mantêm práticas e modos de viver seculares (Ataíde, 2008). Além de contribuírem para a conservação da memória cultural popular, o Coral das Lavadeiras tem contribuído

para a sua difusão pelo Brasil, em apresentações regulares e na Europa em apresentações em Portugal e Espanha. Em 2010, o grupo foi agraciado com a medalha “Ordem do Mérito Cultural” concedido pelo Ministério da Cultura.

Costa (1997) lembra que os mitos também são muito cultivados pelo povo do Vale: “todos tem uma assombração pra contar” (p.29). Cita o exemplo do “Bicho da Pedra Azul”, um homem que por ser desobediente e maldoso com a mãe acabou por se transformar num animal pavoroso.

Pode-se notar que a história de ocupação e estrutura sócio-econômica do Vale do Jequitinhonha formou uma sólida e rica herança cultural que mescla características indígenas, africanas e dos colonizadores que se manifestam em música, poesia, artesanato, verso, prosa e “causos”, num contexto de resistência e afirmação da cultura local ante a massificação cultural trazida pela globalização e pelas novas faces do capitalismo. Por fim, vale trazer à presente discussão a reflexão proposta por Botelho (2005), que afirma: “Um patrimônio cultural tão rico e singular como o do Vale do Jequitinhonha não deve ser resumido a Folclore. Esta visão extremamente estereotipada, além de parcial e superficial, é também preconceituosa” (p.23).

V. O FESTIVAL DA CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA.

Como manifestação da cultura popular merece destaque o FESTIVALE – Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, idealizado por Tadeu Martins. Sob o lema: “**Vale, Vida, Verso e Viola!**”, o Festivale é realizado periodicamente desde 1980, abrangendo manifestações culturais diversas (música, teatro, dança, artesanato e poesia) e reunindo artistas, cantadores, atores, folcloristas e apreciadores da cultura popular em feiras de artesanato e folclore, cursos, oficinas de teatro, etc. O Festival é organizado pela Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha – FECAJE – e tem periodicidade anual. Guerreiro (2009) caracteriza o Festivale como sendo um dos grandes momentos em que a cultura popular marca a identidade do Vale e que,

segundo ela, além de congrega várias pessoas em torno das manifestações, saberes e práticas da cultura regional, tem como propósito, aliá-los e transformá-las em ações políticas.

Na região, o Festivale é o maior evento do gênero, como apontam Henriques e São Pedro (2004). Segundo eles, é um ambiente para “repensar a cultura popular do Vale, através da luta e garantia de políticas públicas de resgate, preservação de seus aspectos artísticos, culturais, ambientais e do patrimônio histórico”. Ademais, Silva (2010) ressalta que o Festivale é um momento de reencontros: “momento em que muitos filhos do Vale voltam para ‘casa” (p. 03).

De acordo com Melo e Siffert (2010) só se pode realizar o evento em função da sua construção, que é feita de maneira coletiva. Eles descrevem como todos os agentes envolvidos no evento – tanto artistas quanto os moradores da cidade-sede – se mobilizam a fim de possibilitar a realização do Festivale:

A cada ano, são formadas comissões específicas no tocante à produção do evento, que atuam de maneira totalmente voluntária (comissão de palco, de alojamento, de secretaria etc.). De maneira geral, tais equipes congregam pessoas que já participam de movimentos culturais na região (grupos de teatro, música, dança, dentre outros) e moradores da cidade que sedia o Festivale no ano em questão. A captação de recursos é, normalmente, realizada através das leis de incentivo à cultura, sob um valor baixo, se comparado à magnitude do evento. Diante disso, os esforços de comunicação no Festivale também se organizam sempre de forma colaborativa e, por vezes, amadora, empreendidos pelos próprios membros da diretoria da Fecaje ou por participantes das comissões organizadoras.(MELO E SIFFERT, 2010).

Além disso, nota-se uma clara preocupação dos organizadores com a abrangência do festival e a diversificação espacial do evento. Servilha e Doula (2009) destacam a espacialização como uma das características mais interessantes do Festivale, em que determinou-se desde seu início que seria realizado em uma cidade diferente a cada ano. Em 29 edições do festival, até 2011, vinte e uma cidades se alternaram como sedes do evento, com raras

repetições como pode ser observado no breve histórico das edições do Festivale, contido no anexo (Tabela 1.A.).

Dentre as principais atividades do Festivale, destacam-se o festival de música, que consiste na apresentação musical de artistas inscritos para o festival, tendo como objetivo final o lançamento de novos artistas do gênero. Tradicional na cena mineira, esta etapa do evento lançou nomes como Paulinho Pedra Azul, Saulo Laranjeira, Rubinho do vale, Tadeu Franco e tantos outros de igual importância. Por sua vez, a Noite Literária contempla a apresentação e leituras literárias que acontecem durante o concurso de poesias. Valoriza e resgata a importância da linguagem escrita, como manifestação cultural no Vale. A feira de artesanato serve de vitrine para a importante produção artesanal do vale, proporcionando aos artesãos uma oportunidade para comercialização de seus trabalhos e a apresentação de grupos folclóricos promove a valorização da cultura popular e dos grupos da região.

Além disso, as apresentações de grupos de teatro dão oportunidades para artistas mostrarem seus trabalhos ao público que se concentra durante o festival. Já a Feira de Violeiros e Sanfoneiros busca resgatar uma importante e tradicional manifestação da cultura popular do Vale do Jequitinhonha. A mostra de vídeo e fotografias abre espaço para as artes visuais, mostrando a cultura popular por meio das imagens, como parte da diversidade de linguagens artísticas.

O FESTIVALE se preocupa também com a capacitação de agentes, produtores e artistas. Para tanto são convidados profissionais que ministram cursos, oficinas e debatem em torno de temas como artesanato, música, cinema, folclore, cultura popular, produção, gestão cultural e política cultural, dentre os diversos assuntos pertinentes à área e a região.

O Festivale se originou, segundo Servilha e Doula (2009) “da luta do movimento musical, das expectativas de artistas regionais, do encontro de atores e movimentos sociais presentes na região, da força de seu artesanato e das experiências do Jornal Geraes” (p.08). As relações entre as origens do festival e o Jornal Geraes e os artistas que o organizavam serão tratadas com maior detalhe no capítulo que segue.

V.1.O JORNAL GERAES E A ORIGEM DO FESTIVALE

“ O Geraes iniciou um processo de reflexão a respeito da identidade cultural do Jequitinhonha, que gerou os frutos colhidos até hoje, mesmo com tropeços próprios de quem caminha. Quando falo Geraes estou falando de uma geração de pioneiros que sonhou e agiu a partir de determinada compreensão político-cultural da realidade brasileira e mundial. Um instrumento de comunicação com a proposta do Geraes faz falta hoje, especialmente nesse momento de decadência de valores vitais pela qual a humanidade passa.” Dea Trancoso, cantora e compositora em depoimento publicado no livro Geraes a realidade do Jequitinhonha.

Para compreender como é concebido o FESTIVALE é necessário conhecer o Jornal Geraes , o contexto político em que estava inserido em 1978, quando foi criado, e as demandas sociais de uma região excluída do debate acerca do seu futuro. A ideia central parte de quatro jovens; Alberto Silby, Carlos Alberico Figueiredo, George Abner e Tadeu Martins. O Geraes, portanto, estabelece um discurso crítico em relação a atuação do Estado, representado pela CODEVALE – comissão de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha, órgão criado em 1964 pelo governo de Minas para elaborar estratégias que pudessem alavancar o desenvolvimento socioeconômico regional, que na visão do jornal, ora servia de suporte institucional para práticas exploratórias, ora o legitimava como parceiro, numa relação evidentemente conflituosa.

Por residirem na capital Belo Horizonte, distante do vale, os jovens se articulam e conseguem formar uma imensa rede colaborativa de correspondentes, cada um em uma cidade, muitos anônimos devido a supressão das liberdades de expressão instituída pelo então poder militar. Vale lembrar que o Geraes trazia em seus textos, muitas vezes de autoria de cidadãos do vale, um anseio mútuo de justiça, de construção de um discurso integrador e uma troca de informações capaz de evidenciar características culturais marcantes. Independente e assumidamente de esquerda o jornal manteve contato com outros veículos que também lutavam pela redemocratização do país e com grupos clandestinos de resistência política, como relata Tadeu Martins, um dos seus idealizadores.

Nós tínhamos um total envolvimento com os jornais da chamada imprensa alternativa. Que todos nós éramos ligados a grupos de esquerda que na época era clandestinos, né? Por exemplo, já tinha o grupo que estava trabalhando para fundar o PT, mas na clandestinidade. Trabalhando por organização, mas já com ideia de ir pro partido. Tinha o pessoal do Partido Comunista do Brasil, do PC do B. Tinha gente da convergência socialista, tinha gente do MEP – Movimento de Emancipação do Proletariado. Então a gente queria uma organização política. E por isso tínhamos uma boa ligação com os jornais alternativos da esquerda brasileira que era Movimento, Em Tempo, Pasquim. E sempre que possível, até mesmo com a Folha de São Paulo.. (*apud* Ramalho e Doula 2009)

Nos primeiros anos do Geraes, o discurso gira em torno de denúncias e retratavam a realidade de um povo sem “voz”, vítimas do sistema e desarticulado, como podemos observar na matéria abaixo;

A QUESTÃO DA TERRA

“Os pequenos proprietários, os posseiros, são enganados, vendem sua terras por qualquer preço. Primeiro espalha-se a notícia de que o governo vai tomar as terras. Aí, como eles não tem advogados, nenhuma orientação, ficam com medo e vendem tudo mesmo. É uma tristeza. Os advogados do estado estão a serviço das Companhias. Se o estado tivesse interesse em ajudar os pobres, mandaria advogados para protegê-los, para não permitir que fossem explorados” (Declaração do Bispo de Araçuaí, Dom Silvestre Luiz Scandiam, ao E.S.P de 31/08/77 Geraes, a Realidade do Jequitinhonha, p. 3, *apud* Ramalho e Doula, 2009)

Sob essa perspectiva de busca por um elemento catalisador e vetor de um processo de transformação política de um povo, que após anos de estagnação mostrava-se incapaz de decidir sobre o seu próprio destino. Em 1979 o Jornal Geraes promoveu o I Encontro de Compositores do Vale do Jequitinhonha. Segundo Servilha e Doula (2009), neste período já ocorriam outros festivais da canção no Vale e artistas como Paulinho Pedra Azul, Saulo Laranjeira e Rubinho do Vale já despontavam no cenário estadual. Segundo os autores o encontro logrou delinear uma nova direção para a cultura da região e “buscou a construção do diálogo entre a música e as questões sociais e iniciou a trajetória de um festival que se tornaria no futuro uma referência em cultura popular para todo o país” (Servilha e Doula, 2009).

Após o I encontro de compositores do Vale, membros do grupo CCVJ – Centro Cultural do Vale do Jequitinhonha, decidiram criar o FESTIVALE no ano de 1980. Mais tarde em 1983 o CCVJ se divide e dissidentes criam uma outra organização, denominada MCPJ - Movimento Cultural Popular do Vale do Jequitinhonha que passa a editar o Geraes. No ano de 1987 o jornal para de circular, os dois grupos se unem novamente e criam a FECAJE – Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha, que passa a organizar o FESTIVALE até os dias atuais.

No início, Festival da Canção Popular do Vale do Jequitinhonha e posteriormente abrangendo outras manifestações, Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, com o slogan “VALE, VIDA, VERSO E VIOLA”. A cultura surgia então como uma nova possibilidade de unir forças, agora com proposições e articulações. Sobre a criação do Festivale Tadeu Martins afirma o seguinte:

Quando criei a ideia do Festivale, quando fiz o projeto do Festivale, eu me baseei em quatro itens que chamo correntes do desenvolvimento. Eu acho que o desenvolvimento, ele só vem quando você atrai o desenvolvimento puxado por uma corrente que tem quatro elos, que se estiverem dispostos na ordem lógica você ajuda a desenvolver. Então, queríamos ajudar a desenvolver o Vale. Então, a corrente que iria ajudar a desenvolver o Vale tinha quatro elos: conhecer, gostar, defender, divulgar. Era preciso então que o Vale se conhecesse. Conhecesse seus valores, sua história, sua geografia, seu relevo, seus mitos, suas lendas, sua cultura, seu produto agrícola, seu produto cultural. Então começamos a trabalhar o tempo todo nisso. Demorou muito até chegar nesse conhecimento. Quando você conhece passa a gostar, que é o segundo elo. Se você gosta, você passa a defender. Se você defende, você passa a divulgar. E aí você vai divulgar com a razão e com o coração. Aí você consegue desenvolver. (apud Ramalho e Doula, 2009)

O texto do Tadeu Martins nos mostra com bastante clareza a intenção dos idealizadores do FESTIVALE: mostrar o vale ao seu povo e integrá-lo pela via cultural, cada ano reúne-se em uma cidade, com o intuito de celebrar, mas também discutir questões que envolvam o desenvolvimento regional. De lá para

cá, o Festivale tem contribuído para a difusão da cultura local e preservação das tradições, tornando-se um dos movimentos mais importantes e resistentes do país.

O primeiro FESTIVALE foi realizado na cidade de Itaobim no ano de 1980, já em um novo formato, reunindo música, literatura, teatro, artesanato, dança e outras manifestações que formam a cena cultural do Vale. A percepção de que as manifestações culturais do Vale não se enquadravam no padrão midiático e a necessidade de luta velada em favor da cultura regional se faz presente em todos os momentos do festival. Isso fica bastante evidente no trecho abaixo, extraído do folheto do IX Festivale, sediado em Virgem da Lapa no ano de 1988.

“De porta em porta, cada obra de arte que nasce no Vale é um poema. Uma visão estética, considerada ‘feia’ ou ‘esquisita’ porque, na verdade, não atende aos interesses da mórbida sensibilidade capitalista, cujo parâmetro é o lucro, o ibope ou o índice de vendagem. É ‘feia’ porque incomoda os olhos assustados de quem, do alto de suas poltronas, negam-se a ver a realidade em metamorfose” (*apud* Botelho, 2005).

VI. O LEGADO DO FESTIVALE.

Sem uma perfeita compreensão de nós mesmos ,não poderemos compreender verdadeiramente os outros...

Antonio Gramsci

Se for feito um balanço sobre o papel do Festivale na organização político-cultural da região, certamente algumas questões que inicialmente faziam parte da ideia central do movimento ainda incomodam seus idealizadores. A desarticulação política na região é um fato. Tadeu Martins em sua fala para o Seminário Visões do Vale, promovido pela UFMG, destaca:

Infelizmente no Vale do Jequitinhonha os votos são vendidos por cabos eleitorais e o povo fica a comer poeira na estrada da

democracia, sem defensores, pois a região vota em centenas de candidatos, de quase todas as regiões do estado, exceto do próprio Vale.

Relata também que nos dias atuais boa parte da sociedade do vale pouco sabe sobre suas origens e importância da preservação das suas tradições;

Hoje, quando percorremos o Vale do Jequitinhonha, podemos ver que se o Vale passou a ser conhecido e respeitado pelo valor do seu povo e pela sua cultura; e que se muito foi feito, ainda existe muito por fazer, pois o cenário cultural é muito triste, a região desconhece os seus valores culturais.(TADEU MARTINS)

Por outro lado, é sempre importante ressaltar que o Festival foi responsável pela organização social de setores importantes da sociedade do vale, criando sindicatos de trabalhadores rurais, associações de artistas, lavadeiras e vaqueiros. Inegável também a contribuição do movimento na geração de informações e ao longo desses 30 anos, e tem sido um campo fértil para pesquisadores escreverem a história recente da região. Ao analisar a relação da imprensa local com a identidade cultural do Vale do Jequitinhonha Botelho (2005) chama a atenção para a necessidade de contato com outras experiências.

A diversidade de manifestações artístico-culturais esbarra na vigência de uma cultura oficial e capitalista, imposta pela globalização. A divergência entre estas duas forças se reflete na identidade, ou seja, um povo que entende o valor da própria cultura é capaz de recriá-la, no contato com novas influências e elementos em interação constante transportados pela mídia. (Botelho, 2005).

Embora as questões político-cultural permeiem em grande parte as discussões em torno deste movimento, não podemos ignorar o seu caráter festivo e de celebração, sobre esse aspecto, Silva (2010) ressalta que o Festival consiste num evento genuinamente urbano, mas também “acaba trazendo componentes do universo rural, já que as participações dos grupos folclóricos, dependendo do município, são, na maioria de participantes do rural ou que vieram dele” (p.02).

É necessário, também que se destaque que os méritos e a relevância do Festival no que diz respeito à divulgação e valorização da cultura regional, *per se*, são de grande relevância ao Vale do Jequitinhonha. Nesse aspecto, como destaca Botelho (2005) “desenvolver a consciência dos próprios valores significa democratizar o espaço cultural, e no caso específico do Vale do Jequitinhonha, este espaço é limitado, precário, porém acessível” (p.13). Nesse aspecto, Servilha e Doula (2009) reconhecem que o movimento musical iniciado cidade de Itaobim deu início à construção de uma identidade musical no Vale caracterizada pela valorização da cultura de sua população em resposta ao estigma da pobreza presente no imaginário da região. Eles destacam que:

a apropriação simbólica e ideológica do Vale, que historicamente justificou ações e intervenções não participativas em busca do “progresso” e desenvolvimento da região, aceitas pela maioria de sua população historicamente, hoje é apropriada por parte considerável dos músicos presentes nesse movimento e resignificada no sentido de superação de um senso comum que absolutiza a pobreza regional analisando-a através de um viés exclusivamente econômico. (Servilha e Doula, 2009).

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito não somente um relato sobre um movimento cultural que ocorre em um determinado local, mas sim um estímulo ao debate em torno da importância da cultura para formação da cidadania. Partindo deste princípio, surgem várias indagações acerca dos próximos passos do Festival, talvez este seja o momento de se repensar suas ações. A cultura, pelo seu dinamismo, exige uma nova postura e linguagens que consigam dialogar com uma sociedade exposta à sedução midiática, imagética e efêmera. Ao finalizar com perguntas coloco em questão a necessidade de refletir a posição do movimento perante as constantes transformações sociais. O Festival dialoga com outras culturas, tem havido essa troca de experiências? Ele chega às escolas? Considera importante essa aproximação da cultura com a educação? Como é a relação do Festival com a sociedade do Vale do Jequitinhonha? Continua dialogando e sendo um espaço democrático de manifestações e discussões político-culturais? São questões que não poderão ficar fora dos debates acerca do futuro do movimento e da região. Hoje não menos que no seu começo os desafios são enormes, se na década de 70 e 80 a ditadura era militar, nos tempos atuais há uma outra forma de impor costumes, uma tentativa de padronização cultural, a mídia gerando nosso cotidiano.

REFERENCIAS

ATAÍDE, Sâmara Rodrigues de. Confluências do Passado e do Presente: o resgate da memória em o canto das lavadeiras. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

BOTELHO, Maira Leite. Vigia do Vale: Um olhar sobre a relação da imprensa com a identidade cultural do Vale do Jequitinhonha. Monografia (graduação em Comunicação Social). Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Editora Ática, São Paulo 2012.

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. Os Ceramistas do Vale do Jequitinhonha: uma investigação etnomatemática. Dissertação (Mestrado). Campinas: UNICAMP, 1997.

FECAJE. Federação das Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha. Disponível em <<http://www.fecaje.org.br/portal/>> Acesso em: 20 mai. 2012.

FESTIVAL de Cultura Popular no Vale do Jequitinhonha: O Vale sagrado dos festivais populares. Jornal A Nova Democracia, ano II, n°.12, agosto de 2003. Disponível em <<http://www.anovademocracia.com.br/no-12/1044-festival-de-cultura-popular-no-vale-do-jequitinhonha-o-vale-sagrado-dos-festivais-populares>> Acesso em: 14 de fevereiro, 2011.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, v. 4. Ed. Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

GRAZIANO, E. & GRAZIANO NETO, F. As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. Perspectivas, São Paulo, 6:85-100, 1983.

GUERRERO, Patrícia. Vale do Jequitinhonha: A região e seus contrastes. Revista Discente Expressões Geográficas, n°. 05, ano V, p. 81 – 100. Florianópolis, maio de 2009.

HENRIQUES, Márcio Simeone e SÃO PEDRO, Emanuela de Avelar. Comunicação e Mobilização para a Cultura do Vale do Jequitinhonha. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: set. 2004.

MELO, S. B. C. ; SIFFERT, B. Q. Comunicação colaborativa no Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha. In: VI Conferência Nacional de Mídia Cidadã, 2010, Pato Branco. Anais da VI Conferência Nacional de Mídia Cidadã, 2010.

NASCIMENTO, Elaine Cordeiro do. Vale do Jequitinhonha: Entre a Carência Social e a Riqueza Cultural. Contemporâneos Revista de Artes e Humanidades, n°.04, maio-outubro, 2009.

OLIVEIRA, Marcelo. Estórias de Luz. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2009.

THOMPSON, J.B. IDEOLOGIA E CULTURA MODERNA: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Vozes, Petrópolis-RJ, 2009.

RAMALHO, Juliana Pereira e DOULA, Sheila Maria. O Jequitinhonha nas páginas do Jornal Geraes: cultura e territorialidade. Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades, n. 4, mai.-out. 2009.

RAMALHO, Juliana Pereira. Modelando a Vida e Entalhando a Arte: O Artesanato do Vale do Jequitinhonha. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Economia Rural, 2010.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

SERVILHA, M. DE M. ; DOULA, S. M. . O Vale (En)Cantado: música, identidade e espaço no Jequitinhonha. In: Visões do Vale: origem e movimentos, 2009, Belo Horizonte. Visões do Vale: origem e movimentos, 2009. p. 1-15.

SILVA, Joaquim Celso Freire. Políticas Públicas no Vale do Jequitinhonha: a difícil construção de uma nova cultura política regional. Santo André: Alpharrabio Edições, 2006.

SILVA, Vanda Aparecida da. “Eles não tem nada na cabeça...”: jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2010.

SOARES, Geralda Chaves. Vale do Jequitinhonha: um vale de muitas culturas. Cadernos de História, vol.5, n.6. Belo Horizonte: PUC - Minas, 1997.

ANEXO

Tabela 1.A. Breve Histórico das Edições do Festivale.

I FESTIVALE – ITAOBIM (1980)

O Festivale começou sua trajetória com uma programação de shows, feira de artesanato, festival de músicas, apresentação de grupos folclóricos, etc. O Festivale ganhou nesta época o slogan: “VALE, VIDA, VERSO E VIOLA”, que o acompanha até hoje.

II FESTIVALE - PEDRA AZUL (1981)

A feira de artesanato ganhou maiores proporções. O festival de músicas e os shows foram realizados no estádio de futebol, recebendo mais de cinco mil pessoas de Pedra Azul e cidades vizinhas. A organização do evento apresentava melhoras significativas após a criação do Centro Cultural do Vale do Jequitinhonha CCVJ.

III FESTIVALE – ITAOBIM (1982)

A cidade de Itaobim volta a ser palco do FESTIVALE. O evento recebeu um grande público, vindo das mais diversas cidades. Movidos pela seriedade e pelo compromisso popular, artesãos, músicos, poetas, grupos folclóricos, violeiros e sanfoneiros de várias regiões participaram do evento que começava a assumir características próprias.

IV FESTIVALE - MINAS NOVAS (1983)

Nessa ocasião foi criado o Centro Cultural de Minas Novas, que participou decisivamente na organização e montagem do evento. Minas Novas foi o marco para consolidar o movimento e projetá-lo no Estado. O movimento cultural independente do Vale passava a ser referência para outras regiões. Nessa época começavam a surgir, com grande força a produção cultural individual, quase sempre independente, de livros e discos.

V FESTIVALE - ARAÇUAÍ (1984)

É realizado o I Encontro de Entidades Culturais do Vale do Jequitinhonha. Em Belo Horizonte, o grande teatro do Palácio das Artes fica completamente lotado durante dois dias para assistir pela primeira vez a música e poesia do Vale no show “ONHAS DO JEQUI”. O Coral Trovadores do Vale, da cidade de Araçuaí, grava disco, registrando músicas folclóricas da região. Todo o Vale do Jequitinhonha vivia um momento de efervescência cultural com semanas de cultura, shows, festivais de músicas, etc. Por tudo isso e pela própria localização geográfica, Araçuaí recebe o maior público da história dos Festivales.

VI FESTIVALE - SALINAS (1985)

O movimento estava discutindo seus rumos. Foi realizado o Encontro de Entidades e Agentes Culturais na cidade de Capelinha. Mais um desafio era

colocado para o movimento cultural: integrar a micro-região que faz divisa com a área da Sudene. O Festivale em Salinas representou a ampliação do movimento cultural com o objetivo de integrar a região e resgatar sua identidade cultural.

VII FESTIVALE – ALMENARA (1986)

No seu sétimo ano, sediado em Almenara, o FESTIVALE se deparou com algumas dificuldades. O Jornal Geraes deixou de circular. O evento tornou-se repetitivo. A necessidade de mudanças, ampliação e redefinição foram evidenciadas.

VIII FESTIVALE – SERRO (1987)

O movimento cultural aceita o desafio de ampliar o FESTIVALE, até então com três dias de duração.

Serro, nascente do Rio Jequitinhonha, é escolhida para sediar esta importante alteração.

Foram implantados os cursos e oficinas nas áreas de música, teatro, literatura, teatro de bonecos e outros que funcionaram durante a semana do Festivale. O FESTIVALE abriu assim nova perspectiva de atuação para o movimento cultural.

XI FESTIVALE - VIRGEM DA LAPA (1988)

Consolidação do processo de mudanças iniciado no Serro. Os cursos e oficinas tiveram um grande número de inscrições. Foi um rico momento de discussões nas diversas áreas do fazer cultural. Foram montadas também, oficinas e cursos para trabalhadores rurais que participaram de forma surpreendente. Com nível de organização mais acentuado foi realizada a 1ª Mostra de Teatro Amador do Vale. Num processo de envolvimento e integração com a comunidade; criou-se a Rádio Festivale e foram promovidos debates sobre o meio ambiente, conjuntura política popular e outros.

X FESTIVALE RUBIM (1989)

Dando continuidade ao processo de descentralização, o X FESTIVALE, realizado na cidade de Rubim, foi montado a partir de amplas discussões com todo o movimento cultural do Vale. O grande destaque foi a participação de artesãos, que de uma forma organizada e intensa passaram 4 dias buscando soluções para problemas como organização e comercialização dos seus produtos, estas discussões culminaram com uma exposição e feira de artesanatos durante os 3 últimos dias do evento.

XI FESTIVALE - DIAMANTINA (1990)

Marcando definitivamente a reorganização do movimento cultural do Vale, o XI FESTIVALE foi coordenado pela Diretoria provisória da recém-criada Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha FECAJE, sucessora dos CCJV, MCPJ, CCAVJ, que foram extintos. O Festivale passa a durar 10 dias, permitindo melhoria e continuidade na realização das oficinas. O que motivou esta mudança foi o “oficinão” (série de

oficinas, para grupos de teatro de todo o Estado de Minas Gerais), coordenado pela Federação de Teatro de Minas Gerais FETEMIG. Participaram deste Festivale cerca de 5.000 pessoas de várias regiões do Estado do País.

XII FESTIVALE - JEQUITINHONHA (1991)

As mudanças implantadas até então, apresentaram resultados concretos na cidade de Jequitinhonha. Ali se retornou o verdadeiro “Festival de Cultural Popular do Vale”, a vontade coletiva de promover mudanças mais profundas durante a preparação e organização do FESTIVALE.

XIII FESTIVALE - BOCAIÚVA (1992)

O XII FESTIVALE buscou não só a realização de sua extensa programação, mas a integração com a área mineira da Sudene. Esta aproximação foi de fundamental importância para um maior intercâmbio cultural entre as duas regiões. O XIII FESTIVALE trouxe como inovação a 1ª Noite Literária. O ponto alto foi a realização dos cursos e oficinas. O êxito do Festivale foi apresentado na avaliação dos professores, artistas, participantes e patrocinadores que, reunidos após a realização do evento, apontaram os rumos para cada uma das áreas do fazer cultural.

XIV FESTIVALE - MINAS NOVAS (1993)

10 anos depois o Festivale retorna a Minas Novas, repetindo a estrutura de 1992. O XIV Festivale foi marcado pela dispersão e evasão de Agentes Culturais diretamente ligados à organização do Movimento, isto provoca um abalo sensível na estrutura do Evento. Mesmo assim o saldo é positivo e para o ano seguinte fica a certeza da necessidade de um novo rumo na política cultural do Movimento.

XV FESTIVALE - SALTO DA DIVISA (1994)

Na busca de novos parâmetros para a sua atuação e aliado ao intenso momento político do país, o Festivale promove debate entre os candidatos do Governo do Estado e ao Poder Legislativo. Neste debate é reservado espaço para a exposição das propostas do Fórum de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha. Não houve mudança na estrutura do evento, mantendo-se as oficinas, mostras, shows, feira de artesanato, festival de músicas e noite literária.

Percebe-se a ampliação do número de participantes de outras regiões, estados e até de outros países ao mesmo tempo em que diminui o número de participantes dos municípios do Vale do Jequitinhonha nas oficinas.

Diante do quadro e apesar do sucesso do FESTIVALE, ficou evidente a necessidade de reestruturação organizacional do evento, a partir do investimento na formação e capacitação de agentes e produtores culturais do Vale do Jequitinhonha.

XVI FESTIVALE – CARBONITA (1995)

Com uma nova estrutura o evento foi redirecionado como um todo, seus princípios e fins para maior integração com a população numa ação mais

efetiva e presente. O XVI Festival foi marcado pela reavaliação do trabalho até então e os frutos por ele gerados.

XVII FESTIVALE - JEQUITINHONHA (1996)

5 anos depois o Festival volta para a cidade de Jequitinhonha com o tema “SOS RIO JEQUITINHONHA”, várias manifestações são realizadas, com destaque para o festival de músicas e para a noite literária, que abordaram exclusivamente a ecologia. Durante o evento realizou-se também, o Seminário “SOS RIO JEQUITINHONHA”, que culminou com a criação do IVALE Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento do Vale. O IVALE tem por finalidade, além da pesquisa, realizar trabalhos de consultoria para as administrações que desejarem implantar projetos de saneamento básico e preservação do meio ambiente, entre outros, em parceria com a Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha FECAJE.

XVIII FESTIVALE - ITINGA (1998)

Após ficar o ano de 1997 sem ser realizado por falta de recursos, a cidade de Itinga torna-se palco do XVII Festival. O movimento recomeça com novo fôlego e o evento é um sucesso. Destacam-se as manifestações em defesa do Rio Jequitinhonha, as apresentações folclóricas, teatrais e o festival de músicas. Várias caravanas de diversas partes do país se fazem presentes e fica a certeza de que o Festival ainda tem muito que apresentar ao mundo.

XIX FESTIVALE - JORDÂNIA (1999)

Divisando Minas com Bahia, no Baixo Jequitinhonha, Jordânia vira palco de mais um Festival. Com um povo hospitaleiro, a cidade abre suas portas para os participantes.

XX FESTIVALE - BOCAIÚVA (2000)

Mais uma vez o Festival volta a se repetir em Bocaiúva, 8 anos depois. Os agentes culturais questionam o papel da FECAJE e o seu desempenho frente ao movimento cultural do Vale, o que resulta numa proposta de reformulação das ações da entidade para manter acesa a chama da realização de tantos outros Festivais.

XXI FESTIVALE - PEDRA AZUL (2001)

Realizado na cidade de Pedra Azul, contou com diversos grupos de teatros e oficinas diversas para a população. O ponto alto do Festival foi a noite literária que apresentou poesias e poemas de diversas cidades, despontando novos talentos e promessas futuras no campo da literatura.

O Evento proporcionou ao movimento cultural discutir suas mazelas, fraquezas e pontos altos, permitindo avaliar e concentrar esforços para corrigir distorções encontradas.

XXII Festival - Medina (2003)

XXIII Festival - Salinas (2004)

XXIV Festival - Araçuaí (2006)

XXV Festival - Joáima (2007)

XXVI Festivale - Capelinha (2008)

XXVII Festivale - Grão Mogol (2009)

XXVIII Festivale - Padre Paraíso (2010)

XXIX Festivale – Jequitinhonha (2011)

Fonte: FECAJE - Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha.